

FOLHA DE S.PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 95 ★ SEXTA-FEIRA, 22 DE JANEIRO DE 2016 ★ Nº 31.705

EDIÇÃO SÃO PAULO ★ CONCLUÍDA À 01H14 ★ R\$ 3,50



RECEBA HOJE CELEBRAÇÃO DOS 462 ANOS DE SÃO PAULO TERÁ 46 SHOWS GRATUITOS PELA CIDADE Pág. 8

Impasse sobre trajeto provoca confronto em ato contra tarifa

O quinto ato expressivo contra a alta das tarifas de transporte em São Paulo terminou com bombas, correria e ao menos nove feridos. O confronto teve início quando manifestantes resistiram à obstrução da PM, que alegou não ter sido informada a tempo sobre o trajeto. **Cotidiano B8**



Arner Prado/Folhapress

Manifestantes tentam furar bloqueio da PM na praça da República, no centro; quinto protesto expressivo contra reajuste no transporte acabou em tumulto

BERNARDO GUIMARÃES Distribuir renda via passe livre vai gerar distorções

Mercado A20

Odebrecht busca atrasar Lava Jato, rebate procurador

Procurador da Lava Jato, Carlos dos Santos Lima diz que a defesa de Marcelo Odebrecht quer atrasar o processo ao acusar a força-tarefa de manipular transcrição de delator sobre o empreiteiro.

Segundo Lima, a fala em questão não fundamentou a acusação de envolvimento dele no esquema. **Poder A4**

Após painéis, PT retira Dilma e Lula de inserções de TV

A cúpula do PT decidiu não incluir a presidente Dilma e o antecessor, Lula, em inserções de TV do partido que irão ao ar em fevereiro.

No ano passado, a aparição dos dois foi acompanhada por painéis. O PT justifica que usará o tempo para defender a sigla. **Poder A8**

Após crimes, Guarda Civil teme Carnaval no parque Ibirapuera

Cotidiano B1

Brasil recusou presos de Guantánamo por rejeitar exigências

Mundo A11

EDITORIAIS Opinião A2

Leia "Sem crédito", sobre dificuldades para a expansão de financiamentos, e "Nova aposta da Sabesp", acerca de aumento da captação no Cantareira.



Daniel Verpa/Folhapress

ILUSTRADA
Concorrente ao Oscar, Alê Abreu relutou em se ver como cineasta **C1**

SANDRO MACEDO

Ausência de negros na premiação é um reflexo da indústria cinematográfica **C8**

MUNDO
Festival de Berlim terá 3 filmes do Brasil em mostra paralela **A10**

CIÊNCIA

Antropólogos encontram sinais de que 1ª guerra humana ocorreu há 10 mil anos **B9**



Esqueleto de homem ferido por golpes na testa e na parte inferior do pescoço

ESPORTE
Mesada da CBF para federações irá de R\$ 50 mil para R\$ 75 mil **B11**

TATI BERNARDI

Dá para ter 1 segundo de bem-querer por pessoas repulsivas e odiosas **Cotidiano B2**

FALE COM A FOLHA

Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, as editoriais e a circulação em fale.folha.com.br

CIRCULAÇÃO 308.881 (Impressos + digitais)
ABREVIADA 34.329,297 Milhares (Impressos + digitais)

Estimativa para a inflação aumenta com Selic estável

Mudança súbita na política do BC influencia mercado; dólar fecha em R\$ 4,166, maior valor nominal desde o Plano Real

A opção do Banco Central por manter a Selic (taxa básica de juros) em 14,25% elevou as expectativas de inflação para os próximos anos.

Economistas avaliam que a repentina mudança de rota na política monetária do BC reduz a previsibilidade do mercado, prejudicando o controle inflacionário.

O aumento dos juros é uma das ferramentas para combater a alta de preços.

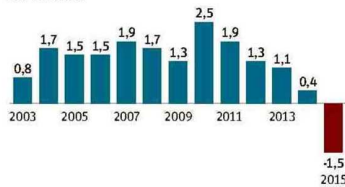
Os índices de "inflação implícita", calculada com base nas taxas de retorno dos títulos da dívida do governo, subiram. Eles são referência na projeção de alta de preços feita por analistas.

Títulos com vencimento em um ano apontavam para inflação de 9,68% ontem, contra 9,41% há quatro dias, antes do anúncio do BC. Para janeiro de 2018, ela passou de 9,94% para 10,66%.

O dólar comercial subiu influenciado pela percepção de interferência do governo no BC. A moeda fechou cotada a R\$ 4,166, o maior valor nominal desde a criação do Plano Real, em 1994 — mas abaixo do pico de 2002, que, corrigido, valeria R\$ 7,08.

Para Gustavo Loyola, chefe do órgão, a credibilidade da instituição acabou prejudicada pela possível ingerência do Planalto. **Mercado A14**

SALDO DE VAGAS DE TRABALHO



Fonte: Ministério do Trabalho

País perde mais de 1,5 milhão de vagas formais em 2015

O Brasil fechou 1,5 milhão de vagas de trabalho com carteira assinada em 2015, o pior resultado desde 1992, ano mais antigo dos dados do Ministério do Trabalho. O saldo negativo, liderado por indústria e construção civil, praticamente anula o ganho com contratações dos dois anos anteriores. **Mercado A18**

RODÍZIO Cotidiano B2

Não devem circular cartões com placas cujo final seja: 9 00

ISSN 1414-5723 31705
9 771414 572063

ATMOSFERA Cotidiano B2

Sol aparece entre muitas nuvens
Mínima 16°C Máxima 26°C

HYUNDAI ★★★★★ **TOYOTA**

ELANTRA X COROLLA

A COMPARAÇÃO PONTO A PONTO COMPROVA: O ELANTRA É SUPERIOR E PONTO FINAL.

ELANTRA, O MELHOR DO MUNDO.

VEJA NA PÁGINA 5.

CAOA HYUNDAI NEW THINKING. NEW POSSIBILITIES.

Peedestre, use sua falca.

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

PUBLICADO DESDE 1921 - PROPRIEDADE DA EMPRESA FOLHA DA MANHÃ S.A.

Presidentes: LUIZ FRIAS

Diretor Editorial: OTAVIO FRIAS FILHO

Superintendentes: ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MENDES E JUDITH BRITO

Editor-executivo: SÉRGIO DÁVILA

Conselho Editorial: ROGÉRIO CEZAR DE CERQUEIRA LEITE, MARCELO COELHO,

JANIO DE FREITAS, CLÓVIS ROSSI, CARLOS HÉTOR CONY, CELSO PINTO,

ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MENDES, LUIZ FRIAS E OTAVIO FRIAS FILHO (secretário)

Diretoria-executiva: MARCELO BENEZ (comercial), MURILLO BUSSAB (circulação),

MARCELO MACHADO GONÇALVES (financeiro) e EDUARDO ALCARÓ (planejamento e novos negócios)

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Sem crédito

Mesmo com decisão de não elevar juros, é improvável que governo consiga engajar bancos e empresas em nova onda de financiamentos

O ministro da Fazenda, Nelson Barbosa, fez saber que busca entendimentos com bancos públicos para destravar o crédito e estimular a economia. No quadro atual do país, porém, tais esforços dificilmente trarão grandes resultados. Além do esgotamento orçamentário do governo, que veda estratégias baseadas em mais subsídios, o setor privado não parece propenso a embarcar em uma nova onda de expansão de financiamentos — e a decisão do Banco Central de manter os juros inalterados pouco altera o cenário.

Tome-se o caso do FI-FGTS, formado por recursos do Fundo de Garantia e destinado a investimentos de longo prazo: mesmo com as taxas favorecidas cobradas, hoje sobram R\$ 22 bilhões no caixa por falta de tomadores, conforme noticiou o jornal "Valor Econômico".

As razões para tanto vão desde a retração de empreiteiras investigadas pela Lava Jato até a exaustão de setores ligados ao ciclo de matérias-primas, como siderurgia e mineração, afetados pelo recuo dos preços internacionais.

Outro obstáculo são as limitações de capital de Banco do Brasil, Caixa Econômica e BNDES, que nos últimos anos deram guarda à política de expansão desenfra-

da de crédito direcionado e hoje se veem com espaço restrito para novas empreitadas do gênero.

Enquanto isso, os bancos privados continuam atuando de forma defensiva. No ano passado, as novas concessões de financiamento para empresas a juros de mercado caíram ao menor nível desde 2005. Uma alternativa para as empresas seria recorrer diretamente ao mercado de capitais, vendendo títulos para obter recursos. Mas, também nesse caso, os sinais são de desalento: as novas emissões de papéis caíram pela metade em 2015, somando R\$ 124,8 bilhões.

Em crescimento, apenas o setor de factoring, que cobra juros elevadíssimos para antecipar o pagamento de valores a receber no futuro. Trata-se de transação que costuma indicar problemas de liquidez dos tomadores.

Na tipologia das recessões, há variantes mais malignas que outras. Entre as mais agudas e duradouras estão as que se seguem a um período de expansão eufórica de crédito — que tenha levado empresas, consumidores e governo (conforme cada caso) do endividamento à inadimplência.

Fato é que chegou ao fim o longo ciclo de expansão de empréstimos e financiamentos iniciado em 2004 e prolongado pelo intervencionismo oficial a partir de 2009.

Não por acaso, a retração atual do PIB só encontra paralelo nos momentos posteriores à crise da dívida externa dos anos 1980 e ao choque do Plano Collor.

Nova aposta da Sabesp

O presidente da Sabesp, Jerson Kelman, tem razão no que afirmou em entrevista a esta **Folha**: não existe certo ou errado na sua decisão de elevar a captação de água no sistema Cantareira. Terá havido um cálculo correto ou incorreto dos riscos, algo que só será possível estabelecer daqui a um ano.

Ninguém nega — mais que isso: festejam todos — que o nível dos reservatórios da Grande São Paulo tenha subido em ritmo acentuado, graças à normalização das chuvas. Em dezembro, por exemplo, a precipitação sobre o Cantareira ficou 18% acima da média histórica.

Com isso, a situação do principal reservatório da região metropolitana melhorou de forma acentuada. O volume armazenado chegou nesta semana a 13% do volume útil, condição bem mais confortável que o 0,3% no fim de 2015.

A direção da Sabesp solicitou à Agência Nacional de Águas (ANA) permissão para elevar a quantidade captada no Cantareira e obteve resposta positiva. Em janeiro, poderá retirar desses reservatórios até 19,5 mil litros por segundo (l/s), contra os 13,5 mil l/s de dezembro (a capacidade máxima de produção é de 33 mil l/s no sistema).

Segundo Jerson Kelman, mesmo aumentando a captação seria possível chegar ao final deste ano com 5% do volume útil, portanto sem

problemas de abastecimento. De fato, a companhia já encolheu os intervalos em que reduz a pressão da água na rede distribuidora, forma dissimulada de racionamento levada a cabo pelo governo de Geraldo Alckmin (PSDB).

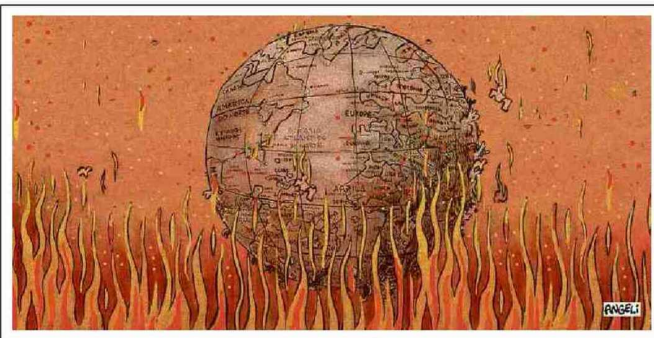
Para Kelman, seria injustificável, agora que há mais água disponível, prolongar o sacrifício imposto aos usuários mais afetados pela redução de pressão, como as que habitam as regiões mais altas da metrópole paulista.

Na sua avaliação, o abastecimento só voltaria a preocupar a partir de abril de 2017. Mas, aí, argumenta, já estariam concluídas as obras para ampliar a capacidade do sistema metropolitano.

Há dois pressupostos nesse raciocínio. Primeiro, que as obras não sofram mais percalços. Segundo, que não haja novas anomalias climáticas, como as que motivaram tanto as chuvas copiosas de agora quanto a seca de 2014.

A Sabesp manteve a sobretaxa para quem consumir acima da média, mas dificilmente há pouco a obtenção de bônus por quem economizar. Aumentar a retirada de água do Cantareira implicará elevar o consumo e, por consequência, recompor receita da empresa.

Beneficiária imediata dessa aposta, a população será sócia majoritária de seus riscos.



HÉLIO SCHWARTSMAN

Vacas macérrimas

SÃO PAULO - Numa situação em que falta dinheiro até para manter hospitais funcionando, você ampliaria as verbas destinadas a políticos para usarem em suas campanhas? Pois Dilma acaba de conceder quase R\$ 1 bilhão aos partidos.

Eusei, apelei. Pelo menos até agora, são Estados e municípios que enfrentam problemas de caixa que batem em serviços ao cidadão. E também não me parece muito exótico afirmar que Dilma tenha dado esse dinheiro. Ela apenas deixou de vetar o aumento do fundo partidário que havia sido aprovado pelo Congresso. Especialmente agora que o Supremo proibiu doações de empresas, ela teria pouca ou nenhuma condição política de bancar esse veto.

Em termos de resultado, porém, não faz muita diferença. Num momento de vacas macérrimas, o poder público fez crescer a parte do bolo reservada aos partidos políticos, o que contraria noções elementares de prioridade. A manobra fica ainda mais grave quando se considera

que não haveria grande prejuízo para a democracia se todos os partidos passassem ao mesmo tempo a fazer campanhas eleitorais franciscanas.

O que de pior poderia acontecer é caírem um pouco as taxas de renovação (candidatos menos conhecidos dependem mais de exposição para ter sucesso), mas baixos índices de troca não estão entre os problemas da política brasileira. A renovação do Congresso, por exemplo, tem variado entre os 40% e os 60%, valores altos na comparação internacional, e nem por isso temos assistido a uma melhora qualitativa na representação. A tendência é que o eleitor troque seis por meia dúzia.

Meu ponto aqui é que o governo Dilma chegou a um ponto em que não tem mais força nem para fazer o óbvio, que seria vetar o despropositado aumento. E, num cenário de impeachment, a situação de Temer não seria melhor. Ao que tudo indica, infelizmente, a crise política continuará pelo menos até a próxima eleição.

heli@uol.com.br

RENATO ANDRADE

Celebrando o bronze

BRASÍLIA - Os resultados práticos da economia brasileira em 2015 começaram a ser divulgados e, como esperado, são um show de horror.

O exemplo mais concreto do desastre foi registrado no mercado de trabalho. Mais de um milhão e meio de pessoas perderam o emprego no ano passado. Mesmo assim, Miguel Rossetto, o amigo da presidente que comanda o Ministério do Trabalho e da Previdência Social, encontrou elementos para celebrar a derrota.

Apesar de tanta gente terido para o lado da rua, a assessoria do ministro destacou, em nota, que o "estoque de empregos" acumulado até o ano passado ainda era o terceiro melhor da série iniciada em 1992.

Houve queda no emprego em todos os Estados. São Paulo, sozinho, respondeu por quase um terço das demissões registradas nos últimos 12 meses. A agricultura foi o único setor que conseguiu assinar mais carteiras de trabalho do que oferecer "novos desafios" aos seus colaboradores.

Mesmo assim, Rossetto e equipe

consideraram válido comemorar a medalha de bronze. Afinal de contas, as coisas poderiam ter sido bem pior.

Como de bobo o governo petista só tem o séquito que ainda acredita nas histórias inventadas nos gabinetes de Brasília, ao comentar os dados ontem, Rossetto vendeu otimismo para 2016, mas não se comprometeu com projeções sobre a geração efetiva de empregos até dezembro.

A Receita Federal, que divulgou ontem outro exemplo do desempenho magistral que a atividade econômica teve no ano passado, também evitou estimar taxas de evolução da máquina de cobrar impostos.

Depois de amargar um tombo de 5,6% na arrecadação de tributos, reflexo direto da freada na produção industrial e na venda de bens e serviços, os técnicos do Fisco reconheceram que ninguém deve esperar grandes coisas nos próximos meses.

A despeito das apostas do ministro Rossetto, não há nada no horizonte que aponte para uma recuperação do mercado de trabalho neste ano.

RUY CASTRO

Gente fina

RIO DE JANEIRO - Uma das benesses do poder é a de refinar seus ocupantes. Por mais agrestes de origem, são obrigados a aprender a usar garfo e faca, não palitar os dentes e evitar caros partes íntimas na presença de senhoras. Lula, por exemplo, saltou das assembleias de sindicatos para as noites de gala em Brasília, Washington e Caracas. Mas se deu bem porque teve um belo estágio intermediário: as reuniões que a burguesia paulistana lhe oferecia nos anos 80.

Foi numa delas que Lula aprendeu sobre o Romanée-Conti, o tinto francês de que se produzem 6.000 garrafas por ano, e que, depois, ele foi visto mais de uma vez tomando num restaurante do Rio. Seus charutos vêm de Havana, de uma reserva especial destinada ao comandante Fidel. E só se pode especular sobre a reforma de R\$ 700 mil que a ex-primeira-dama, dona Marisa Leticia, ia fazer no triplex de praia do casal no Guarujá — o apartamento teve de ser abandonado às pressas.

Esse refinamento é contagioso. O dinheiro subitamente disponível permite até aos segundos escalões adquirir novos gostos, sob os quais passam a se reger. A Operação Lava Jato tem revelado um frenesi de mimos de empreiteiros para atuais e ex-ministros do governo na forma de lençóis e gravatas Hermès, conhaques Hennessy Paradis e vinhos como o Haut-Brion, o Lafite-Rothschild e o Latour. Os lulopetistas também usam black-tie, qual é o problema?

Delcídio do Amaral, ex-líder do governo no Senado e ardente militante do nouveau-ricisme, habitou-se a comemorar os aniversários da família com festas para 500 convidados em Ibiá, em Punta del Este e no Copacabana Palace. A exemplo de José Dirceu e Henrique Pizzolatto, ele aprendeu a valorizar as coisas boas da vida.

Mas onde esses heróis do povo brasileiro capricham mesmo é na escola de seus advogados. Só aceitam os mais caros do país.

MARTA SUPLICZY

Nossa São Paulo

Tristeza e indignação. Foram os sentimentos que me invadiram quando li a pesquisa de Indicadores de Referência de Bem-Estar no Município (IRBEM), realizada pelo Ibope a pedido da ONG Rede Nossa São Paulo e da FecomercioSP. Essa sensação de desconforto já estava comigo numa visita, dias atrás, a uma AMA, na zona norte da cidade.

Conversei com dezenas de senhoras que esperavam para marcar consulta. Estavam lá há mais de 3 horas e, com sorte, sairiam com uma agenda de atendimento para daí a alguns meses. O tempo de espera no sistema público de saúde piorou passando de 56 para 82 dias para uma simples consulta. A espera para exames, de 78 para 98 dias; para procedimentos mais complexos, de 169 para 186 dias.

E por que há a necessidade de presença física, horas de fila, se estamos na era digital? A desculpa que ouvi para o calvário das pessoas é que "não tem funcionários". Eu me indigno como cidadã e como gestora pública. A informatização estava encaminhada há mais de década com o Siga Saúde.

Informatizar é mais do que dar conforto e respeito merecido ao cidadão: é gestão, dignidade, o encaminhamento mais rápido e fiscalização.

Nossa São Paulo é hoje a cidade da exclusão. Dói saber que 68% dos entrevistados, se pudessem, sairiam da cidade. Na pesquisa anterior do IRBEM, eram 57% aqueles que desejavam ir embora. Quem ama São Paulo não pode aceitar essa crescente desilusão.

Logo no início de 2004, o Datafolha perguntou "você diria que tem mais orgulho do que vergonha ou mais vergonha do que orgulho de morar em São Paulo?". Como resposta, 83% dos entrevistados responderam que tinham mais orgulho.

Foi nesse clima de congestionamento da cidade de mil povos, das inaugurações como a da fonte do Itaipu, e do auditório que Niemeyer havia projetado 50 anos antes que celebramos os 450 anos de São Paulo. Havia muito ainda por fazer. Principalmente na área da saúde que, por causa da falência do PAS (Plano de Atendimento à Saúde do Município de São Paulo), estava voltando ao SUS e iniciava sua reestruturação.

Temos que pensar e superar os velhos e os novos desafios. São Paulo precisa voltar a ser a cidade da inclusão. Que o cidadão não seja surpreendido ao abrir a porta de casa e deparar com uma faixa pintada na rua, implantadas sem nenhum critério ou planejamento. Que não sejamos vítimas da indústria de multas indiscriminadas, advinda da ganância arrecadatória insana e sem sentido. Decisões que não passam pelo crivo da população.

Os paulistanos querem ser ouvidos, desejam um novo projeto para a cidade que incorpore o sentido de pertencimento.

Nesta segunda, 25 de janeiro, nossa cidade completa 462 anos. Parabéns, São Paulo!

MARTA SUPLICZY escreveu às sextas-feiras nesta coluna.